

# CAPÍTULO 10

## DISFUNÇÃO DE INTEGRAÇÃO SENSORIAL NO CONTEXTO ESCOLAR: estudo de caso de uma criança com somatodispraxia e defensividade tátil

Caroline Saavedra Costa<sup>51</sup>

Francisca Danielle da Silva<sup>52</sup>

Kércia Moraes de Souza Rodrigues<sup>53</sup>

Liliane Cristina Alves<sup>54</sup>

Maria de Fátima Góes da Costa<sup>55</sup>

### INTRODUÇÃO

A Teoria de Integração Sensorial foi desenvolvida por Jean Ayres, pioneira no estudo que elucidou os pressupostos sobre a relação entre o Processamento Sensorial, comportamento, aprendizagem e desenvolvimento. Esse processo está diretamente ligado ao comportamento e ao funcionamento neural, que permitem ao indivíduo respostas adaptativas e funcionais ao contexto, tendo a capacidade de organizar e interpretar essas informações sensoriais, favorecendo o desenvolvimento adequado de habilidades motoras, cognitivas e sociais (Bundy *et al.*, 2020).

Quando esse processo ocorre de forma eficiente, permite respostas adaptativas ao meio, facilitando a percepção, organização e

---

<sup>51</sup>Especialista em Psicomotricidade pela Unyleya. Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade da Amazônia (Unama).

<sup>52</sup>Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade da Amazônia (Unama).

<sup>53</sup>Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade da Amazônia (Unama).

<sup>54</sup>Especialista em Saúde Pública com ênfase em Saúde Coletiva da Família pela Faculdade São Marcos (Fasamar). Graduação em Terapia Ocupacional pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

<sup>55</sup>Doutora em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Gestão em Saúde na Amazônia pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Estado do Pará.

interpretação das informações sensoriais. Contudo, falhas no processamento de Integração Sensorial podem gerar disfunções no indivíduo, dificultando sua adaptação aos estímulos do seu contexto, impactando diretamente o seu desempenho ocupacional (Serrano, 2016).

A Disfunção de Integração Sensorial (DIS) não está descrita no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-V), contudo se relaciona com os transtornos de desenvolvimento, como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (Bastos, 2015).

A DIS é a dificuldade do Sistema Nervoso Central (SNC) de processar as informações sensoriais recebidas pelos sentidos, fazendo com que haja respostas ineficientes ao estímulo recebido. Segundo Bundy *et al.* (2020), essas dificuldades no Processamento Sensorial podem ser déficits de modulação, discriminação ou motoras de base sensorial.

Dentre as Disfunções de Modulação Sensorial, destaca-se a de discriminação, caracterizada por desafios nas interpretações corretas das informações sensoriais. A defensividade tátil está inserida nas perturbações de modulação, caracterizando-se como um distúrbio sensorial onde o SNC tem dificuldade em processar de maneira adequada os estímulos táteis, fazendo com que a criança expresse desconforto, aversão ou até reações agressivas em situações cotidianas (Souza; Nunes, 2019).

Dentro das perturbações motoras de base sensorial, destaca-se à somatodispraxia, caracterizada por uma combinação de dificuldades na percepção das sensações do próprio corpo, especialmente táteis e dificuldades no planejamento e execução de movimentos. Segundo Monteiro (2024), essa condição pode impactar vários contextos, incluindo o ambiente escolar, afetando sua autonomia, engajamento nas atividades e interação social, pois crianças com somatodispraxia apresentam dificuldades no processamento tátil e proprioceptivo, comprometendo as habilidades essenciais para este contexto, como a escrita, o manuseio de materiais, na execução de tarefas que exigem

planejamento motor, causando interferências nas relações interpessoais e na participação em dinâmicas coletivas (Bastos, 2015).

Nesse sentido, considerando os impactos e atrasos os quais as DIS, como a defensividade tátil e a somatodispraxia, podem causar no contexto escolar da criança, este estudo tem como objetivo descrever o processo de avaliação e estratégias de intervenção de uma criança com defensividade tátil e somatodispraxia, discutindo os benefícios da Terapia Ocupacional com Abordagem em Integração Sensorial de Ayres.

## **MÉTODO**

Este artigo se trata de um estudo de caso descritivo, para Yin (2015), é utilizado para investigar casos complexos e em contextos específicos, que permite uma melhor análise de um único indivíduo. Envolvendo uma única criança com diagnóstico de Disfunção Sensorial, do tipo somatodispraxia e defensividade tátil.

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: *Sensory Processing Measure* - versão Escolar. O *Sensory Processing Measure* (SPM) foi desenvolvido nos EUA com base na Teoria de Integração Sensorial de Jean Ayres. Originou-se da fusão, em 2005, de dois instrumentos usados por terapeutas ocupacionais — a *Evolution of Sensory Processing* (ESP) e o *School Assessment of Sensory Integration* (SASI) —, resultando em um único instrumento publicado por Parham e colaboradores em 2007 (Moreira, 2019). O SPM permite uma análise em três dimensões: avaliação dos sistemas sensoriais, identificação das vulnerabilidades na integração e avaliação do comportamento em diferentes contextos. Neste estudo, foi utilizada a versão voltada para o ambiente escolar. Ainda, utilizou-se o Perfil Sensorial - Escola, que se trata de um conjunto de questionários que avalia o Processamento Sensorial da criança, documentam informações combinadas da vida cotidiana da criança: casa, escola e comunidade. O questionário pode ser aplicado da criança de zero a 14 anos; esses testes do Perfil Sensorial oferecem uma avaliação abrangente que combinada

com outras avaliações, observações e relatórios permite o conhecimento dos pontos fortes e desafios de uma criança para diagnóstico e planejamento das intervenções (Dunn, 2017).

Os questionários *Sensory Processing Measure - Escola* (SPM-Escola) e Perfil Sensorial - Escola foram aplicados em novembro de 2024, sendo respondidos pela professora e pela auxiliar de sala, que acompanham diretamente a criança no ambiente escolar. A instituição onde a criança está matriculada é a Escola Cognitivo (COG), um centro de ensino infantil e fundamental, localizada no município de Marabá, no estado do Pará.

Com base nos achados dos questionários aplicados previamente, decidiu-se incluir no estudo a aplicação do *Movement Assessment Battery for Children - Second Edition* (Movement ABC-2), com o objetivo de avaliar aspectos motores da criança. O *Movement ABC-2* é a segunda versão do teste, que foi desenvolvido por Sheila E. Henderson, David A. Sugden e Anna L. Barnett. Com faixa etária ampliada, tarefas revisadas e apenas três bandas etárias: AB1 (3-6 anos), AB2 (7-10 anos) e AB3 (11-16 anos) (Strapasson; Harnisch; Kishimoto, 2017). Esse protocolo neste estudo foi administrado durante o desenvolvimento do estudo, no mês de abril de 2025.

Ressalta-se que este trabalho respeitou os princípios éticos estabelecidos para pesquisa, conforme a Resolução n. 510/2016 (Brasil, 2016). Sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), com o n. 59010522.1.000.5174. O estudo da criança ocorreu com o consentimento dos responsáveis, mediante assinatura do Termo Livre e Esclarecido (TCLE).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

T. F. M., uma criança do sexo masculino, com seis anos de idade, diagnosticado com TEA e TDAH. Apresenta, ainda, Disfunção de Integração Sensorial, com diagnóstico específico de somatodispraxia e defensividade tátil. Dentre as principais características observadas,

destacam-se importantes dificuldades nas habilidades práticas, envolvendo ideação, planejamento e execução motora, além de limitações para imitar movimentos novos.

A criança apresenta atrasos nas aquisições de independência nas Atividades de Vida Diária (AVDs), com comprometimento funcional que afeta diretamente sua autonomia. Também se observa uma consciência corporal prejudicada, manifestada por tropeços frequentes, colisão com móveis e quedas de objetos das mãos, o que denota um padrão motor desajeitado. Há déficits significativos na motricidade fina, refletidos em dificuldades para recortar, abotoar e manusear talheres adequadamente.

No que diz respeito ao Processamento Sensorial, a criança demonstra resistência a atividades que envolvam contato com texturas que possam sujar ou molhar o corpo, além de apresentar aversão ao toque físico, como abraços, beijos e afagos no cabelo, caracterizando um quadro de defensividade tátil.

Monteiro *et al.* (2020) relatam que Winnie Dunn propôs uma definição de Processamento Sensorial como uma forma de organização da Integração Sensorial, que procura a interação do limiar neurológico e autorregulação da conduta do indivíduo. Dunn indica quatro modelos de quadrantes para o Processamento Sensorial, que são eles: exploração, esquiva, sensibilidade e observação.

Monteiro *et al.* (2020) expõem que os quadrantes propostos por Dunn se relacionam com a quantidade de estímulos sensoriais que são necessários para uma resposta neuronal (limiar neurológico) e a maneira como os indivíduos se comportam para controlar suas necessidades (autorregulação).

Para este estudo, foi utilizado o Perfil Sensorial, preenchido pela professora, como instrumento de avaliação. De acordo com Dunn (2017), no manual do Perfil Sensorial 2, os quadrantes de análise operam de maneira independente, permitindo combinações variadas de pontuações. Essas variações refletem a complexidade das respostas sensoriais individuais, considerando que cada criança é exposta a diferentes contextos e atividades no cotidiano.

Quadro 1 - Perfil Sensorial

<b>PROFESSOR</b>			
<b>QUADRANTES</b>	<b>PONTUAÇÃO BRUTA TOTAL</b>		
	<b>Obtido</b>	<b>Esperado</b>	<b>Pontuação</b>
Exploração	24	40	Mais que os outros
Esquiva	47	60	Muito mais que os outros
Sensibilidade	45	55	Muito mais que os outros
Observação	41	65	Muito mais que os outros

Fonte: elaborado pelas autoras.

T. F. M. é uma criança com perfil “mais que os outros” em exploração. Segundo Dunn (2017), crianças com esse perfil tendem a produzir ruídos enquanto realizam tarefas, apresentar inquietação constante, explorar objetos por meio do tato, mastigar itens e envolver partes do corpo ao redor de móveis e pessoas. O relato da professora reforça essas características, destacando dificuldade em permanecer sentado, busca frequente por interação com adultos e intensa observação dos movimentos ao redor

Em Esquiva, T. F. M. apresenta pontuação “muito mais que os outros”, Dunn (2017) diz que crianças que apresentam esta pontuação tendem a preferir ambientes sensoriais mais controlados, optando por brincar sozinhas e evitando estímulos desconhecidos. Além disso, podem apresentar comportamentos ritualísticos, caracterizados pela necessidade de previsibilidade e repetição de padrões, além de uma tendência à teimosia ou controle sobre situações, sendo indivíduos que preveem o estímulo sensorial e tentam evitar os estímulos não familiares.

No relato da professora, observa-se que T. F. M. apresenta características associadas ao quadrante Esquiva, demonstrando recusa ou evitamento de contato físico, dificuldades em participar de jogos de equipe, interpretação literal da comunicação, angústia diante da mudança de planos, baixa tolerância a frustrações, dificuldades na interação social e participação em atividades grupais.

No quadrante de Sensibilidade, T. F. M. apresenta pontuação “muito mais que os outros”. Segundo o Perfil Sensorial 2, crianças com esse perfil demonstram alta consciência do ambiente e atenção aos detalhes. São frequentemente vistas como distraídas ou hiperativas, sendo cautelosas diante de certos estímulos. Podem sentir-se facilmente sobrecarregadas ou incomodadas quando interrompidas, reagindo rapidamente a estímulos mesmo não sejam percebidos por outros.

T. F. M. reage intensamente a sons inesperados ou barulhentos, apresenta dificuldades para participar de atividades em grupo com excesso de falas, desvia-se de atividades para observar o ambiente, demonstra necessidade imediata de limpar as mãos em atividades que envolvam texturas, é inquieto e se incomoda ao permanecer em filas com proximidades físicas. Seu comportamento pode ser descrito como excessivamente reativo ou dramático em comparação a crianças da mesma idade.

Segundo Dunn (2017), crianças com esse padrão de observação podem achar mais fácil se concentrar em atividades de seu interesse, mesmo em ambientes com distrações, tendem a não perceber estímulos que poderiam desviar a atenção de outras pessoas. Essas crianças podem ser vistas como desinteressadas, apáticas, autocentradas, inexpressivas ou indiferentes às emoções dos outros. Muitas vezes, apresentam baixos níveis de energia. A convivência com crianças desse perfil tende a ser tranquila, mas para mantê-las engajadas em atividades, é necessário oferecer estímulos adicionais.

De acordo com a professora responsável, a criança perde as instruções de sala com mais frequência que a maioria, demonstra dificuldade em sustentar a atenção em ambientes com muitos estímulos sonoros, dificuldade em manter seus materiais e acessórios organizados e parece realizar as atividades de forma mais difícil que o necessário.

Nas seções sensoriais e comportamentais, a criança obteve pontuação “muito mais que as outras”, especialmente nas áreas visuais e outras modalidades sensoriais. Esses resultados sugerem que suas reações comportamentais estão intimamente relacionadas ao modo como processa os estímulos do ambiente.

Em relação ao Fator Escolar, avaliado segundo o modelo proposto por Dunn (2017), que considera a percepção do professor sobre o desempenho da criança no ambiente educacional, a criança apresentou pontuação bastante elevada nos quatro fatores analisados.

O Fator Escolar 1 refere-se à necessidade de apoio externo, e os dados indicam que a criança depende significativamente do suporte do professor para se engajar nas atividades escolares, especialmente devido ao padrão de Exploração e Observação.

O Fator Escolar 2 está relacionado à consciência e atenção no contexto escolar, descrevendo que a criança tende a desviar-se com frequência das tarefas escolares, demonstrando maior atenção a estímulos irrelevantes do ambiente.

O Fator Escolar 3 aborda a tolerância a estímulos sensoriais, sendo observado que o aluno se sobrecarrega com facilidade em contextos típicos de sala de aula, o que compromete sua capacidade de seguir instruções e realizar atividades de forma autônoma ou em grupos.

Por fim, o Fator Escolar 4 trata da disponibilidade para a aprendizagem, os resultados sugerem que T. F. M. frequentemente perde oportunidades de participação, sendo, por vezes, percebido pelo professor como desinteressado ou desatento.

Outro instrumento de avaliação utilizado para este caso foi o *Movement ABC - 2*, uma ferramenta que pode ser empregada por diferentes profissionais com o objetivo de detectar dificuldades motoras em crianças e adolescentes com idades entre três e 16 anos, fornecendo dados objetivos, quantitativos e qualitativos por meio de atividades práticas. O teste é dividido em três subáreas: Destreza Manual (práxis fina), Mirar e Pegar (habilidades com bola) e Equilíbrio Estático e Dinâmico (Souza *et al.*, 2007).

Quadro 2 - *Movement ABC - 2*

SUBÁREAS	SCORE DE COMPONENTES	ESCORE PADRÃO	PERCENTIL
Destreza Manual	3	1	0,1
Mirar e Pegar	13	6	9
Equilíbrio Estático e Dinâmico	29	9	37
Total	45	4	2

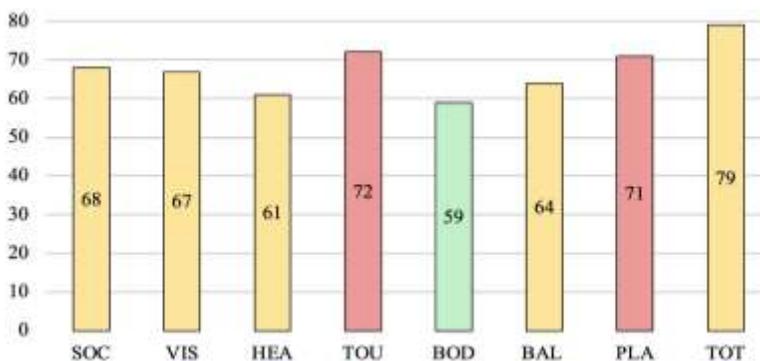
Fonte: elaborado pelas autoras.

O escore total é feito através da soma do escore padrão de cada subárea. Durante a realização do teste padronizado que foi aplicado pela terapeuta ocupacional responsável pelo caso, observou-se que a T. F. M. obteve o escore total de 45, estando na “zona Vermelha” do teste, isto denota uma “dificuldade motora significativa”. É evidente que essas dificuldades, que afetam desde o controle postural até a motricidade fina e oral, impactam significativamente no desempenho escolar e no dia a dia dessas crianças, tornando o processo desafiador para pais e educadores.

As queixas escolares que provocam impacto no cotidiano de crianças, como, por exemplo, a escrita inadequada (muito clara ou escura), dificuldades ao usar tesoura, pintar, abrir embalagens e quebrar o giz de cera ou materiais sem dosar a força, enfim, exemplos claros de dificuldades em práxis relacionadas com DIS. A criança que percebe sua dificuldade na motricidade fina e relata cansaço frequentemente demonstra o esforço e a frustração que essas tarefas simples representam. O engajamento nas atividades é um fator essencial para o desenvolvimento das habilidades motoras.

O *Sensory Processing Measure Preschool* (SPM-P), questionário respondido pela professora da criança, nos revela o seguinte gráfico (Figura 1).

Figura 1 - SPM - Medida de Processamento Sensorial



Fonte: elaborada pelas autoras.

A professora relata que a criança apresenta alterações sensoriais em todas as modalidades sensoriais avaliadas. Observa-se rigidez comportamental e presença de rituais, além de dificuldades na compreensão de linguagem não literal, como ironias e outras figuras de linguagem. A criança demonstra baixa frequência nas interações sociais, preferindo manter-se isolada ou engajada em atividades solitárias.

Durante as aulas, mostra-se dispersa e tem dificuldade em manter o foco nas explicações. Apresenta hipervigilância ao ambiente, percebendo a movimentação da sala como um todo, o que interfere em sua atenção. Frequentemente, é necessário repetir as instruções para garantir a assimilação do conteúdo.

Em relação à comunicação verbal, a criança altera o tom de voz com frequência, tendendo a falar mais alto, em determinados momentos sendo necessária a intervenção para reduzir o volume. Também apresenta ecolalia e interesse restritos e intensos por determinados temas.

Demonstra aversão a atividades que envolvam contato com texturas que possam sujá-las, adotando comportamentos de esquiva ou fuga. Evita o contato físico com outras pessoas, rejeitando toques, abraços e beijos.

Bundy *et al.* (2020) referem que os conceitos de praxia e dispraxia são complexos e podem ser abstratas as terminologias ligadas a esses conceitos. Abordam que a dispraxia é algo inerente do desenvolvimento e não algo que se possa adquirir ao longo da vida, são os déficits no planejamento motor.

A criança escolhida para este estudo tem dois diagnósticos de DIS, e Bundy *et al.* (2020) trazem evidências em seus trabalhos de um desses diagnósticos, que é a somatodispraxia, relacionando-o a dificuldades relacionadas na rotina diária. No caso de T. F. M., a professora e sua auxiliar apontam que a criança tem alerta aumentado no que diz respeito à coordenação motora e organização, aparenta ser desajeitada e inquieta enquanto está sentada à mesa. Mostra-se desorganizada com seus materiais escolares e tem dificuldade para carregar vários objetos ao mesmo tempo. Seu repertório de brincadeiras é limitado e repetitivo, optando pelas mesmas atividades lúdicas de forma constante.

Bundy *et al.* (2020) ainda descrevem sobre a defensividade tátil algumas características presentes no estudo de caso, como: evitar o toque; respostas aversivas ao toque não nocivo; recusa em participar de atividades lúdicas que envolvam outras pessoas; aversão a atividades que envolvam se sujar; aumento do estresse ao estar fisicamente próximo a muitas pessoas.

A criança que apresenta DIS também mostra uma desorganização nas respostas adaptativas, apresentando movimentos descoordenados, podendo tropeçar com frequência, tendo dificuldades na coordenação motora global, impactando diretamente na realização das Atividades de Vida Diária como: escovar os dentes, alimentar-se, vestir-se, calçar os sapatos, essas dificuldades podem ser percebidas também no contexto escolar, se o processo cerebral não organizar

adequadamente os estímulos recebidos a criança terá prejuízos significativos no contexto escolar (Furtuoso; Mori, 2022).

Segundo Almeida (2022), as intervenções baseadas na Abordagem de Integração Sensorial utilizadas pelos terapeutas ocupacionais buscam reorganizar esses indivíduos, favorecendo seu desempenho ocupacional no âmbito no qual estão inseridos, como, por exemplo, no âmbito escolar, buscando oferecer estímulos sensoriais que favoreçam as respostas adaptativas e comportamentos funcionais para aprendizagem. As intervenções não são direcionadas somente para o ambiente clínico, os terapeutas ocupacionais podem direcionar para contextos não terapêuticos, com o objetivo de dar suporte para responsáveis, cuidadores e professores a compreender as DIS e o impacto que causa no contexto do indivíduo.

Para o contexto escolar, é possível realizar intervenções que visem as acomodações sensoriais, estas acomodações devem ser direcionadas conforme o Perfil Sensorial de cada criança, buscando promover a autorregulação sensorial e, conseqüentemente, a melhora no seu desempenho ocupacional. Essas acomodações podem ser utilizadas com o indivíduo em diversos momentos dentro da rotina escolar, podendo ser através do uso de coletes proprioceptivos, ajustes posturais e adaptações nos recursos e materiais escolares como diminuição das etapas das tarefas para facilitar o sequenciamento e a realização das ações, permitindo assim o alcance funcional no seu nível de alerta, atenção e com isso seu engajamento nas tarefas escolares (Almeida, 2022).

É evidenciado pela literatura que os conhecimentos da Terapia Ocupacional com Abordagem em Integração Sensorial podem contribuir para a diminuição das dificuldades de indivíduos, principalmente as relacionadas com Processamento Sensorial, as habilidades sensório-motoras e o favorecimento do desempenho nas Atividades de Vida Diária (AVDs) (Andrade, 2020). Nesse sentido, tais conhecimentos também podem favorecer o engajamento, a participação e o desempenho de tarefas no cotidiano escolar de crianças com DIS.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou um caso único de criança com diagnóstico de DIS, do tipo somatodispraxia e defensividade tátil. Foi possível apresentar os instrumentos utilizados durante o processo de avaliação da criança, fazendo a relação das dificuldades apresentadas com o comprometimento de atividades escolares e discutindo os conhecimentos de Integração Sensorial no processo de intervenção de crianças com quadros semelhantes.

A partir dos resultados apresentados, ficou evidente, neste caso, a relação já encontrada na literatura científica entre dificuldades sensoriais e o contexto escolar, comprometendo a participação da criança. Dessa forma, este trabalho pode contribuir para a melhor compreensão do assunto, favorecendo pesquisas futuras, sugere-se, ainda, que a pesquisa se aprofunde com o objetivo de mostrar estratégias eficazes dentro da Abordagem de Integração Sensorial de Ayres que favoreçam crianças com DIS, como a somatodispraxia e a defensividade tátil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. **Percepção de professores sobre estudantes com Transtorno do Espectro Autista e perfil de Disfunção de Integração Sensorial**. 2022. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/4dd829ee-ee10-4a61-9e99-c793782f25d9>. Acesso em: 25 jul. 2025.

ANDRADE, M. M. A. de. **Análise da influência da abordagem de integração sensorial de Ayres® na participação escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista**. 2020. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2020. Disponível

em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/a6ec3874-f856-428f-8501-29db19050eb2>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BARBOSA, A. R. *et al.* **Efeitos da dança no desenvolvimento motor de pré-escolares no município de Uruguaiana, RS.** 2015. 25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/items/3cace55e-660d-43d9-8873-457662e0a2d1>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BASTOS, V. H. Aspectos relevantes da integração sensorial: organização cerebral, distúrbios e tratamento. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 173, Jun. 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279180852\\_Aspectos\\_relevantes\\_da\\_integracao\\_sensorial\\_organizacao\\_cerebral\\_disturbios\\_e\\_tratamento](https://www.researchgate.net/publication/279180852_Aspectos_relevantes_da_integracao_sensorial_organizacao_cerebral_disturbios_e_tratamento). Acesso em: 26 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em ciência humana e sociais. Brasília: Diário Oficial da União, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

BUNDY, A. C. *et al.* **Integração Sensorial: a teoria e a prática.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Santos, 2020. 654 p.

CARDOSO, N. R.; BLANCO, M. B. Terapia de integração sensorial e o transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1547/2273>. Acesso: 30 abr.2025.

DUNN, W. **Perfil sensorial 2**: manual do usuário. São Paulo: Pearson, 2017. 280 p.

FURTUOSO, P.; MORI, N. N. R. Integração Sensorial e modulação sensorial de escolares com Transtorno do Espectro do Autismo. **Conjecturas**, Porto Alegre, v. 22, n. 16, p. 419-431, 2022. DOI: 10.53660/CONJ-2017-MP41.

MOLLERI, N. *et al.* Aspectos relevantes da integração sensorial: organização cerebral, distúrbios e tratamento. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 173, jun. 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279180852\\_Aspectos\\_relevantes\\_da\\_integracao\\_sensorial\\_organizacao\\_cerebral\\_disturbios\\_e\\_tratamento](https://www.researchgate.net/publication/279180852_Aspectos_relevantes_da_integracao_sensorial_organizacao_cerebral_disturbios_e_tratamento). Acesso em: 26 abr. 2025.

MONTEIRO, R. C. **Análise da escrita de estudantes com Transtorno do Espectro Autista e Disfunção de Integração Sensorial**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2024. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/86793081-43a9-4cc1-9cdb-73d5662f8039/content>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MONTEIRO, R. C. *et al.* Percepção de professores em relação ao processamento sensorial de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. **Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**, v. 26, n. 4, 2020 Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaror.html?task=detalhes&source=all&id=W3116935114>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MOREIRA, I. T. **Sensory Processing Measure (SPM) - Forma Sala de Aula**: fiabilidade, validade discriminativa e validade de construto. 2019. Projeto (Mestrado em Terapia Ocupacional na Especialidade de

Integração Sensorial) - Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Lisboa, 2023. Disponível em:  
<https://comum.rcaap.pt/entities/publication/25e23233-fe85-48e6-9372-9ca8f5538122>. Acesso em: 7 maio 2025.

REIS, H. I. S.; NEVES, M. D.; DIXE, M. A. Versão portuguesa da medida do processamento sensorial pré-escola: análise da consistência interna e homogeneidade dos itens do formulário escola. **Rev. Bra. Edu. Espec.**, Corumbá, v. 26, n. 4, out./dez. 2020. DOI:  
<https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0165>.

SERRANO, P. **A Integração Sensorial**: no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Lisboa: Papa-Letras, 2016. 208 p.

SOUZA, C. *et al.* O teste ABC do movimento em crianças de ambientes diferentes. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 1, p. 36-47, 2007. DOI:  
<https://doi.org/10.5628/rpcd.07.01.36>.

SOUZA, R. F. de; NUNES, D. R. de P. Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, p. 1-17, 2019. DOI:  
<https://doi.org/10.5902/1984686X30374>.

STRAPASSON, A. M.; HARNISCH, G. S.; KISHIMOTO, S. T. Protocolos de avaliação da coordenação motora para pessoas com deficiência intelectual. **Conexões**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 272, nov. 2017. DOI: 10.20396/conex.v15i3.8646019.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 408 p.